

Justiça ouve o pessoal do MR-8

Tribuna da imprensa 16.1.70

O Conselho Permanente da Justiça da 1.^a Auditoria da Marinha interrogou, ontem, sete dos trinta e três indiciados no chamado processo MR-8, sendo marcado para hoje, às 9 horas, a continuação do sumário, com audiência de novos acusados.

Foram interrogados Geraldo Galise Rodrigues, João Manuel Fernandes, Antônio Rogério Garcia Silveira, Joseph Bertolo Calvert, Ziléia Reznik, Rosane Reznik e Francisco Chagas Cordeiro dos Santos.

Em seu depoimento Calvert negou a imputação que lhe foi feita. Disse que sofreu torturas de policiais do Uruguai num quartel militar de Uruguaiana, fato presenciado pelo capitão Azambuja Brasil, sendo que o comandante da unidade tinha conhecimento do fato.

Disse que saiu do Brasil porque estava sendo perseguido e não prestou depoimento no IPM. Atribuiu as acusações a êle feitas, a pessoas que foram obrigadas e coagidas a isto. Afirmou que nunca respondeu a processo e que nunca foi preso.

ROSANE

Durante o interrogatório de Rosane Reznik, foi afirmado que contestava o depoimento na polícia, e que não é verdadeira a imputação a ela atribuída. Que o seu depoimento na polícia foi feito sob coação. Tendo ido a ilha das Flores visitar a irmã que se encontrava detida, prestou depoimento sendo em seguida solta. Intimada a voltar à ilha, foi novamente presa e desta feita sofreu tortura como choques elétricos, palmatória, tentativa de enforcamento, sendo ameaçada de ser fuzilada juntamente com a irmã.

Afirmou Rosane que foi torturada no Cenimar.

ZILÉIA

Por sua vez Ziléia Reznik afirmou diante do Conselho que não sabia da existência de armas na casa onde foi presa. Que as torturas a que foi submetida na ilha das Flores foram feitas por três indivíduos que se diziam do Cenimar, sendo despida e espancada por êles. Afirmou que nunca fez parte de nenhuma organização subversiva.

CHAGAS

O último a ser interrogado na audiência de ontem foi Francisco

Chagas Cordeiro dos Santos que declarou "desconheço as imputações a mim atribuídas, uma vez que nunca fui preso nem processado. Estava desempregado e passando privações quando cheguei à Guanabara, vindo de Belo Horizonte. Nunca fiz parte de movimento algum, e em nenhuma reunião política."

Os demais interrogados limitaram-se a desmentir os depoimentos prestados na fase do IPM, e alegaram que foram feitos sob coação. Negaram ainda, as imputações que lhes são atribuídas, ou de atos delituosos.

Dos 13 denunciados no IPM que apurou atividades do grupo considerado subversivo, denominado Comando de Libertação Nacional (Colina), acusados de assaltos a bancos e a sentinelas de unidades militares, entre as quais a Base Aérea do Galeão, dez foram qualificados ontem pelo Conselho Permanente de Justiça da 1.^a Auditoria do Exército.

Na audiência de início do sumário de culpa, foram qualificados: os ex-sargentos para-quadristas Valdivio de Almeida, Boif de Noronha Soares e Severino Beatriz da Silva, Fausto Machado Freire, Sérgio Lara Pereira Monteiro, Antônio Maria Zacarias, José Roberto Monteiro, Váler Fernandes de

Araújo (presos no DOPS), Antônio Pereira de Matos e Marco Antônio de Azevedo Meyer (presos em Juiz de Fora).

Após a qualificação, os acusados foram interrogados pelo Juiz Milton Fiuza, tendo Antônio Pereira de Matos — trocador de ônibus — confessado furtos de armas, esclarecendo porém que "não pertencem ao Exército, mas ao povo." Confessou também o assalto ao Banco Ultramarino (agência Ipanema). Disse não ter sido torturado, mas acusou o capitão João Luis de Sousa como torturador do Exército, em Juiz de Fora.

O depoente Marco Antônio — ex-vendedor de produtos alimentícios — disse que passou a integrar o Colina, por ter sido vítima de perseguições após ter sido casado do Diretório Acadêmico do Colégio Estadual de Minas Gerais, e ter a sua tia, com quem passou a residir no Rio, sido presa durante 12 dias. Confessou que, chegando de Juiz de Fora, decidiu participar do movimento estudantil em favor dos vestibulandos.

Revelou também que foi preso em flagrante na direção de um carro roubado em Ipanema, cujo proprietário desconhece. Marco Antônio, disse ter sido vítima de inúmeras torturas na Polícia.